

52. CREIO NA RESSURREIÇÃO DA CARNE

988-1019



INTRODUÇÃO

A criação, a salvação e a santificação do homem culminam na ressurreição dos mortos e na vida eterna. A ação da Trindade para o nosso bem não tem limites temporais, como a nossa vida neste mundo. A criação é chamada a ser mais do que ela é por sua natureza; ela é chamada a se consumir na segunda criação.

A salvação do homem não tem prazo de validade. É para sempre. Além disso, abraça todo o nosso ser, inclusive a realidade material e mundana.

Crer na ressurreição da carne significa também reconhecer que a santificação do homem é verdadeira participação na própria vida de Deus. A fé na ressurreição dos mortos proclama que o que Deus faz para o nosso bem é algo definitivo e sem volta.

A fé na ressurreição de Cristo é central para todos os cristãos. Essa verdade é o fundamento para os artigos finais que o Catecismo explica.

No Novo Testamento, a ressurreição dos mortos no fim dos tempos é vista em relação com a ressurreição de Jesus (cf. 1Cor 6,14; 15,20-23.45-49; 2Cor 4,14; Fl 3,20). O fundamento de nossa ressurreição futura é, com efeito, Jesus, o vencedor do pecado e da morte. Ele é a ressurreição e a vida (Jo 11,25). Assim como o Pai ressuscitou Jesus dos mortos, compete igualmente ao Pai a iniciativa de nossa ressurreição à imagem da do seu Filho. Também o Espírito Santo age na nossa ressurreição (cf. Rm 8,11): a sua atual inabitação em nós, como dom do Senhor Ressuscitado, é como que o penhor e a garantia da futura ressurreição dos nossos corpos mortais; eles receberão a vida em virtude do Espírito.

A ressurreição significa vida nova e definitiva do homem inteiro, inclusive a sua dimensão carnal, de debilidade. A esperança cristã não se reduz à sobrevivência da alma imortal.

Nós somos cristãos na medida em que cremos na ressurreição dos mortos. Por isso a ideia da imortalidade da alma não é suficiente para que sejamos plenamente cristãos. Só crer na imortalidade da alma é crer em uma ressurreição “pela metade”.

A fé e a esperança cristãs consistem na vida definitiva do homem por inteiro.

TEXTO 988-1019

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

CAPÍTULO III: CREIO NO ESPÍRITO SANTO

ARTIGO 11: CREIO NA RESSURREIÇÃO DA CARNE



988. O Credo cristão – profissão da nossa fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e na sua ação criadora, salvadora e santificadora – culmina na proclamação da ressurreição dos mortos no fim dos tempos, e na vida eterna.

989. Nós cremos e esperamos firmemente que, tal como Cristo ressuscitou verdadeiramente dos mortos e vive para sempre, assim também os justos, depois da morte, viverão para sempre com Cristo ressuscitado, e que Ele os ressuscitará no último dia. Tal como a d’Ele, também a nossa ressurreição será obra da Santíssima Trindade:

«Se o Espírito d’Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós» (Rm 8,11).

990. A palavra «carne» designa o homem na sua condição de fraqueza e mortalidade. «Ressurreição da carne» significa que, depois da morte, não haverá somente a vida da alma imortal, mas também os nossos «corpos mortais» (Rm 8,11) retomarão a vida.

991. Crer na ressurreição dos mortos foi, desde o princípio, um elemento essencial da fé cristã. «A ressurreição dos mortos é a fé dos cristãos: é por crer nela que somos cristãos»:

«Como é que alguns de entre vós dizem que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. Mas se Cristo não ressuscitou,

é vã a nossa pregação, e vã é também a vossa fé. [...] Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram» (1Cor 15,12-14.20).

I. A ressurreição de Cristo e a nossa ressurreição

Revelação progressiva da ressurreição

992. A ressurreição dos mortos foi revelada progressivamente por Deus ao seu povo. A esperança na ressurreição corporal dos mortos impôs-se como consequência intrínseca da fé num Deus criador do homem todo, alma e corpo. O Criador do céu e da terra é também Aquele que mantém fielmente a sua aliança com Abraão e a sua descendência. É nesta dupla perspectiva que começará a exprimir-se a fé na ressurreição. Nas suas provações, os mártires Macabeus confessam:

«O Rei do universo ressuscitar-nos-á para uma vida eterna, a nós que morremos pelas suas leis» (2Mc 7,9). «É preferível morrermos às mãos dos homens e termos a esperança em Deus de que havemos de ser ressuscitados por Ele» (2Mc 7,14).

993. Os fariseus e muitos contemporâneos do Senhor esperavam a ressurreição. Jesus ensina-a firmemente. E aos saduceus, que a negavam, responde: «Não andareis vós enganados, ignorando as Escrituras e o poder de Deus?» (Mc 12,24). A fé na ressurreição assenta na fé em Deus, que «não é um Deus de mortos, mas de vivos» (Mc 12,27).

994. Mas há mais: Jesus liga a fé na ressurreição à sua própria pessoa: «Eu sou a Ressurreição e a Vida» (Jo 11,25). É o próprio Jesus que, no último dia, há de ressuscitar os que n'Ele tiverem acreditado, comido o seu Corpo e bebido o seu Sangue. Desde logo, Ele dá um sinal disto mesmo e uma garantia, restituindo a vida a alguns mortos e preanunciando assim a sua própria ressurreição que, no entanto, será de ordem diferente. Jesus fala deste acontecimento único como do «sinal de Jonas», do sinal do templo; Ele anuncia a sua ressurreição ao terceiro dia depois da morte.

995. Ser testemunha de Cristo é ser «testemunha da sua ressurreição» (At 1,22), é «ter comido e bebido com Ele depois da sua ressurreição dos mortos» (At 10,41). A esperança cristã na ressurreição é toda marcada pelos encontros com Cristo ressuscitado. Nós ressuscitaremos como Ele, com Ele e por Ele.

996. Desde o princípio, a fé cristã na ressurreição deparou com incompreensões e oposições. «Não há ponto em que a fé cristã encontre mais contradição do que o da ressurreição da carne». É bastante comum a aceitação de que, depois da morte, a vida da pessoa humana continua de modo espiritual. Mas como acreditar que este corpo, tão manifestamente mortal, possa ressuscitar para a vida eterna?



Como é que os mortos ressuscitam?

997. *O que é ressuscitar?* Na morte, separação da alma e do corpo, o corpo do homem cai na corrupção, enquanto a sua alma vai ao encontro de Deus, embora ficando à espera de se reunir ao seu corpo glorificado. Deus, na sua onipotência, restituirá definitivamente a vida incorruptível aos nossos corpos, unindo-os às nossas almas pela virtude da ressurreição de Jesus.

998. *Quem ressuscitará?* Todos os homens que tiverem morrido: «Os que tiverem praticado o bem, para uma ressurreição de vida e os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de condenação» (Jo 5,29).

999. *Como?* Cristo ressuscitou com o seu próprio corpo: «Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo» (Lc 24,39); mas não regressou a uma vida terrena. De igual modo, n'Ele «todos ressuscitarão com o seu próprio corpo, com o corpo que agora têm», mas esse corpo será «transformado em corpo glorioso» em «corpo espiritual» (1Cor 15,44):

«Alguém poderia perguntar: “Como ressuscitam os mortos? Com que espécie de corpo voltam eles?” Insensato! O que tu semeias não volta à vida sem morrer. E o que semeias não é o corpo que há de vir, é um simples grão [...]. O que é semeado sujeito à corrupção ressuscita incorruptível; [...] os mortos ressuscitarão incorruptíveis [...]. É, de fato, necessário que este ser corruptível se revista de incorruptibilidade, que este ser mortal se revista de imortalidade» (1Cor 15,35-37.42.52-53).

1000. Este «como» ultrapassa a nossa imaginação e o nosso entendimento; só na fé se torna acessível. Mas a nossa participação na Eucaristia dá-nos já um antegozo da transfiguração do nosso corpo, operada por Cristo:

«Assim como, depois de ter recebido a invocação de Deus, o pão que vem da terra deixa de ser pão ordinário e é Eucaristia, constituída por duas coisas, uma terrena, outra celeste, do mesmo modo os nossos corpos, que participam na Eucaristia, já não são corruptíveis, pois têm a esperança da ressurreição».

1001. *Quando?* Definitivamente no último dia (Jo 6,39-40.44.54; 11,24), «no fim do mundo». Com efeito, a ressurreição dos mortos está intimamente associada à Parusia de Cristo:

«Ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descerá do céu e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro» (1Ts 4,16).



Ressuscitados com Cristo

1002. Se é verdade que Cristo nos há de ressuscitar «no último dia», também é verdade que, de certo modo, nós já ressuscitamos com Cristo. De fato, graças ao Espírito Santo, a vida cristã é desde já, na terra, uma participação na morte e ressurreição de Cristo:

«Pelo Batismo fostes sepultados com Cristo e também ressuscitastes com Ele, devido à fé que tivestes na força de Deus, que O ressuscitou dos mortos [...]. Uma vez que ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do Alto, onde Cristo Se encontra sentado à direita de Deus» (Cl 2,12; 3,1).

1003. Unidos a Cristo pelo Batismo, os crentes participam já realmente na vida celeste de Cristo ressuscitado. Mas esta vida continua «escondida com Cristo em Deus» (Cl 3,3). «Ele próprio nos ressuscitou e nos fez sentar nos céus, em Cristo Jesus» (Ef 2,6). Alimentados pelo seu Corpo na Eucaristia, nós pertencemos já ao Corpo de Cristo. Quando ressuscitarmos no último dia, havemos também de nos «manifestar com Ele na glória» (Cl 3,4).

1004. À espera desse dia, o corpo e a alma do crente participam já na dignidade de ser «em Cristo». Daí a exigência do respeito para com o próprio corpo e também para com o corpo de outrem, particularmente quando sofre:

«O corpo [...] é para o Senhor. E o Senhor é para o corpo. E Deus, que ressuscitou o Senhor, também nos há de ressuscitar a nós pelo seu poder. Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? [...] Não sabeis que não pertenceis a vós próprios? [...]. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo» (1Cor 6,13-15.19-20).



II. Morrer em Cristo Jesus

1005. Para ressuscitar com Cristo, temos de morrer com Cristo, temos «de nos exilar do corpo para habitar-mos junto do Senhor» (2Cor 5,8). Nesta «partida» que é a morte, a alma é separada do corpo. Voltará a se juntar a ele no dia da ressurreição dos mortos.

A morte

1006. «É em face da morte que o enigma da condição humana mais se adensa». Num certo sentido, a morte do corpo é natural: mas sabemos pela fé que a morte é, de fato, «salário do pecado» (Rm 6,23). E para aqueles que morrem na graça de Cristo, é uma participação na morte do Senhor, a fim de poder participar na sua ressurreição.

1007. *A morte é o termo da vida terrena.* As nossas vidas são medidas pelo tempo no decurso do qual nós mudamos e envelhecemos. E como acontece com todos os seres vivos da terra, a morte surge como o fim normal da vida. Este aspecto da morte confere uma urgência às nossas vidas: a lembrança da nossa condição de mortais também serve para nos lembrar de que temos um tempo limitado para realizar a nossa vida:

«Lembra-te do teu Criador nos dias da mocidade [...], antes que o pó regresse à terra, donde veio, e o espírito volte para Deus que o concedeu» (Ecl 12,1.7).

1008. *A morte é consequência do pecado.* Intérprete autêntico das afirmações da Sagrada Escritura e da Tradição, o Magistério da Igreja ensina que a morte entrou no mundo por causa do pecado do homem. Embora o homem possuísse uma natureza mortal. Deus destinava-o a não morrer. A morte foi, portanto, contrária aos desígnios de Deus Criador e entrou no mundo como consequência do pecado. «A morte corporal, de que o homem estaria isento se não tivesse pecado», é, pois, «o último inimigo» (1Cor 15,26) do homem a ter de ser vencido.

1009. *A morte é transformada por Cristo.* Jesus, Filho de Deus, também sofreu a morte, própria da condição humana. Mas apesar da repugnância que sentiu perante ela, assumiu-a num ato de submissão total e livre à vontade do Pai. A obediência de Jesus transformou em bênção a maldição da morte.

O sentido da morte cristã

1010. Graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo. «Para mim, viver é Cristo e morrer é lucro» (Fl 1,21). «É digna de fé esta palavra: se tivermos morrido com Cristo, também com Ele viveremos» (2Tm 2,11). A novidade essencial da morte cristã está nisto: pelo Batismo, o cristão já «morreu com Cristo» sacramentalmente para viver uma vida nova; se morremos na graça de Cristo, a morte física consome este «morrer com Cristo» e completa assim a nossa incorporação n'Ele, no seu ato redentor:

«É bom para mim morrer em (*eis*) Cristo Jesus, mais do que reinar dum extremo ao outro da terra. É a Ele que eu procuro, Ele que morreu por nós: é a Ele que eu quero, Ele que ressuscitou para nós. Estou prestes a nascer [...]. Deixai-me receber a luz pura: quando lá tiver chegado, serei um homem».

1011. Na morte, Deus chama o homem a Si. É por isso que o cristão pode experimentar, em relação à morte, um desejo semelhante ao de S. Paulo: «Desejaria partir e estar com Cristo» (Fl 1,23). E pode transformar a sua própria morte num ato de obediência e amor para com o Pai, a exemplo de Cristo:

«O meu desejo terreno foi crucificado: [...] há em mim uma água viva que dentro de mim murmura e diz: “Vem para o Pai”».

«Ansiosa por te ver, desejo morrer».

«Eu não morro, entro na vida».

1012. A visão cristã da morte é expressa de modo privilegiado na liturgia da Igreja:

«Para os que creem em Vós, Senhor, a vida não acaba, apenas se transforma: e, desfeita a morada deste exílio terrestre, adquirimos no céu uma habitação eterna».

1013. A morte é o fim da peregrinação terrena do homem, do tempo de graça e misericórdia que Deus lhe oferece para realizar a sua vida terrena segundo o plano divino e para decidir o seu destino último. Quando acabar «a nossa vida sobre a terra, que é só uma», não voltaremos a outras vidas terrenas. «Os homens morrem uma só vez» (Hb 9,27). Não existe «reencarnação» depois da morte.

1014. A Igreja exorta-nos a prepararmo-nos para a hora da nossa morte («Da morte repentina e imprevista, livrai-nos, Senhor»: antiga Ladainha dos Santos), a pedirmos à Mãe de Deus que rogue por nós «na hora da nossa morte» (Oração da Ave-Maria) e a confiarmos-nos a S. José, padroeiro da boa morte:

«Em todos os teus atos em todos os teus pensamentos, havias de te comportar como se devesse morrer hoje. Se tivesses boa consciência, não terias grande receio da morte. Mais vale te acautelares do pecado do que fugir da morte. Se hoje não estás preparado, como o estarás amanhã?».

«Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã a morte corporal, à qual nenhum homem vivo pode escapar. Ai daqueles que morrem em pecado mortal: Bem-aventurados os que ela encontrar cumprindo as tuas santíssimas vontades, porque a segunda morte não lhes fará mal».

Resumindo:

1015. *«Caro salutis est cardo – A carne é o fulcro da salvação». Nós cremos em Deus, que é o Criador da carne; cremos no Verbo que Se fez carne para remir a carne; cremos na ressurreição da carne, acabamento da criação e da redenção da carne.*

1016. *Pela morte, a alma é separada do corpo; mas, na ressurreição, Deus restituirá a vida incorruptível ao nosso corpo transformado, reunindo-o à nossa alma. Tal como Cristo ressuscitou e vive para sempre, todos nós ressuscitaremos no último dia.*

1017. *«Nós cremos na verdadeira ressurreição desta carne que possuímos agora». No entanto, semeia-se no túmulo um corpo corruptível e ressuscita um corpo incorruptível, um «corpo espiritual» (1Cor 15,44).*

1018. *Em consequência do pecado original, o homem deve sofrer a morte corporal, «de que estaria isento, se não tivesse pecado».*

1019. *Jesus, Filho de Deus, sofreu livremente a morte por nós, numa submissão total e livre à vontade de Deus seu Pai. Pela sua morte, Ele venceu a morte, abrindo assim a todos os homens a possibilidade da salvação.*



Revisando temas

A ressurreição de Cristo e a nossa

Sabemos que não foi fácil para o Antigo Testamento chegar à fé na ressurreição. Mesmo assim, a fé na ressurreição amadureceu na consciência do povo eleito com a reflexão sobre o Deus Criador e Salvador. O Deus que tudo criou, que estabeleceu a sua Aliança com Abraão e sua descendência, é o Deus que pode tudo e que, portanto, salvará o homem e não permitirá que ele pereça.

Nos tempos de Jesus, os fariseus acreditavam na ressurreição enquanto os saduceus a negavam. Jesus, em sua vida pública, ensinou a ressurreição.

Mas o que é decisivo é que, no Novo Testamento, a ressurreição aparece unida à pessoa de Jesus. Não se trata mais de uma fé em uma ressurreição qualquer; crer na ressurreição é primeiramente crer na ressurreição de Jesus. Ela dá a forma, o conteúdo e a realidade da nossa. A ressurreição de Jesus orienta a esperança cristã. Esperamos uma ressurreição que é participação na ressurreição de Jesus: com Ele ressuscitamos; como Ele e por meio dEle ressuscitaremos.

O Catecismo da Igreja Católica utiliza as categorias tradicionais da morte como separação da alma e do corpo e da ulterior reunião de ambos princípios do homem na ressurreição. Para entender bem esse modo de falar da morte e da ressurreição é preciso, porém, levar em conta que o Catecismo fala da ressurreição em dois sentidos intimamente relacionados mas não coincidentes.

O primeiro é a ressurreição como plena participação do homem na vida de Cristo glorificado. Esse é o senso pleno e positivo de ressurreição.

O segundo é a ressurreição como reunião da alma e do corpo para todos, tanto para os que fizeram o bem quanto para os que fizeram o mal. Trata-se de uma ressurreição em senso mais neutro (cf. At 24,15).

A ressurreição própria da esperança cristã é a do primeiro senso.

Como vamos ressuscitar?

De novo é preciso olhar para a ressurreição de Jesus para responder a essa pergunta. Sabemos que no NT, a ressurreição é descrita de maneira muito realista. Jesus Ressuscitado não é um fantasma, nem mera alma penada, tampouco espírito desencarnado. Ele pode ser tocado, traz as marcas da paixão, come com os discípulos. Ao mesmo tempo sabemos que os discípulos não reconheceram Jesus Ressuscitado à primeira vista. O corpo glorificado de Jesus participa plenamente da liberdade do espírito: não é impedido pelas portas trancadas, pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo (Ele caminhou o dia todo com os discípulos de Emaús e, ao mesmo tempo, apareceu a Simão).

À luz do que é a ressurreição de Jesus podemos dizer que há identidade entre o corpo presente e o corpo glorificado. Por outro lado, porém, é impossível para nós descrever fenomenicamente como será o nosso corpo glorificado. Sabemos que a ressurreição do corpo será a transfiguração em um corpo de glória: se agora portamos a imagem do corpo terreno do primeiro Adão, depois portaremos a imagem do corpo espiritual (no sentido de um corpo pleno do Espírito Santo, não de um corpo imaterial) do segundo Adão, o Cristo Ressuscitado (cf. 1Cor 15,44-49).

O como da ressurreição supera a nossa compreensão e a nossa imaginação. Se nós estivéssemos convencidos de compreendê-lo ou de imaginá-lo continuaríamos a seguir as categorias do nosso mundo. Mas a ressurreição, por sua definição, as supera. Devemos reconhecer, portanto, com humildade que muitas questões nos superam.

O fato, porém, que a realidade do nosso ser futuro está para além de nossas categorias não significa que não possamos, desde já, experimentar em antecipação os bens celestes. Na fé temos certo acesso a essas realidades. Isso acontece sobretudo na celebração da eucaristia.

A ressurreição dos mortos no Novo Testamento está intimamente ligada à parusia do Senhor. A ressurreição é o efeito em nós da plena manifestação do senhorio de Jesus sobre tudo, da destruição dos inimigos principalmente da morte. É a consumação final da obra salvífica de Cristo, o momento em que, vencedor sobre tudo, Ele entregará o reino ao Pai, a fim de que Deus seja tudo em todas as coisas (cf. 1Cor 15,24-28).

Mesmo que esperemos a ressurreição para o último dia, o Novo Testamento ensina que o batizado já participou da morte e da ressurreição de Jesus. Com o batismo deixamos de ser escravos do pecado e iniciamos a viver a vida nova. A ressurreição de Jesus, que mostrará enfim a plenitude de seus efeitos, é já eficaz em nós, porque Jesus, glorificado à direita do Pai, nos deu o seu Espírito.

A ressurreição, no entanto, está ainda “escondida”, da mesma maneira como está ainda a de Jesus, que não revelou o seu poder nem se manifestou em sua glória a todos os homens. Por isso a plena manifestação de Jesus será também a nossa. A nossa vida de ressuscitados está agora escondida com Cristo em Deus.

A esperança cristã, que se refere ao homem em sua totalidade de corpo e alma, determina o nosso respeito que todo homem merece desde já, em todas as suas dimensões do seu ser, inclusive a corporal e material. A conformação com Cristo que será plena na ressurreição faz com que desde já devamos ver nós mesmos e os outros como “membros de Cristo”.

Ressurreição da carne

Deus não ama somente as moléculas que estão no corpo no momento da morte. Ele ama um corpo marcado pela pena universal, mas também pela nostalgia sem tréguas de uma peregrinação, e que no curso dessa peregrinação deixou muitas pegadas em um mundo que justamente em virtude dessas pegadas se tornou humano; um corpo que se nutriu continuamente com a abundância deste mundo a fim de que o homem não ficasse neste mundo sem forças e sem caminho; um corpo que se chocou e feriu com a dureza deste mundo, e traz muitas cicatrizes, e ainda sempre carente de carinho continuou a expor-se a este mundo. Ressurreição da carne significa que de tudo isto nada se perdeu para Deus, porque Ele ama o homem. Todas as lágrimas, Ele as recolheu e nenhum sorriso lhe escapou. Ressurreição da carne significa que em Deus o homem há de achar novamente não somente o seu último suspiro mas toda a sua história (*MystSal V/3 p. 309*).

Morrer em Cristo Jesus

Para o cristão morrer é ir para viver com Jesus (cf. 2Cor 5,8). Morrer e estar com Cristo é, portanto, a melhor coisa (cf. Fl 1,21).

O mistério da condição humana alcança na morte o seu ápice. Por um lado a morte do homem é um fato natural (todos os seres vivos morrem), mas por outro, segundo as Escrituras, a morte tem relação com o pecado. É impossível separar nitidamente essas duas dimensões da nossa experiência atual da morte. De fato, todos nós reconhecemos que a morte não está fora de nós; ela não é algo que cai sobre nós como algo extrínseco à nossa condição humana. A morte não está fora de nós; nós é que somos mortais. A morte está inscrita em nossa condição de seres mortais. Um provérbio popular exprime com acerto essa dimensão natural da morte: “para morrer basta estar vivo”. Por outro lado, em nossa experiência atual do morrer é impossível sofrer a morte (tanto a própria como a dos que amamos) como algo natural. Todos experimentamos a morte como um sofrimento dramático: ela parece arrancar impiedosamente de nosso convívio os que amamos; a morte parece cortar as relações mais caras e nos negar a presença das pessoas.

Mas há um modo mais definitivo e verdadeiro de nos aproximar da morte e que é próprio da fé cristã: é mergulhar na morte como participação na morte de Cristo para com Ele ressuscitar. Como, para Jesus, a entrada na glória do Pai ocorreu através da morte (e morte de cruz!), assim, para o cristão, a comunhão com o Senhor e a configuração ao Seu corpo glorioso passa pelo momento doloroso e misterioso da morte.

Nenhum cristão morre sozinho. Uma vez que Jesus sofreu o abandono da morte e mergulhou na solidão da mansão dos mortos, Ele sempre nos acompanha nesse momento crítico e decisivo. Além disso, a morte do cristão é participação na morte de Cristo que já foi antecipada sacramentalmente no batismo. Por isso o sentido da morte é transformado em Cristo.

A morte é o término da vida e inseparavelmente o fim do caminho humano, o fim do seu estado de peregrino (cf. 1007). Se durante o curso da nossa vida terrestre podemos mudar, podemos pecar e nos arrepender do pecado, etc., a situação na qual nos encontramos diante de Deus no momento da morte se torna definitiva para toda a eternidade. Na morte termina o caminho da nossa vida que ganha, nesse momento, a sua “definitividade” (perdão pelo neologismo).

Tanto o limite da nossa vida, quanto a definitividade que ela alcança no momento da morte dão a nossa existência o caráter de urgência. Cada momento de nossa vida terrena tem um valor escatológico do definitivo. Nesse sentido a nossa vida se reveste de uma grande responsabilidade: a de responder com fidelidade ao Senhor e a de cooperar na sua obra e nos desígnios que Ele tem para nós a cada momento de nossa existência terrena.

A morte nos une a Cristo no mistério da sua morte e ressurreição no qual o Senhor consumou a sua vida de obediência ao Pai. Para nós a morte é a consumação de nossa união com Ele no Seu ato redentor. O que já no batismo foi vivido sacramentalmente, é consumado na morte física. A morte constitui assim o momento em que nos identificamos com Ele no aspecto mais profundo do que foi a Sua vida e a Sua entrega até o fim por amor ao Pai e aos homens. Nós nos identificamos com Ele na morte e na vida gloriosa; se morremos com Ele, com Ele viveremos. Jesus é o modelo e o paradigma; Ele é a regra do humano. Por isso, na morte em união com Jesus nos tornamos verdadeiramente humanos.

Muito oportunamente o Catecismo aluda à crença de alguns na reencarnação. A Igreja não pode admiti-la enquanto a reencarnação despoja a existência terrena de sua responsabilidade e do senso escatológico de todos os nossos atos. A reencarnação empobrece enormemente existência humana de Jesus.

A morte tem importância decisiva para o nosso destino eterno e, ao mesmo tempo, não pode ser prevista. Diante da seriedade da morte e da insegurança quanto ao momento em que ela ocorrerá, a Igreja nos exorta à preparação e a pedir o auxílio de Maria e de S. José. Essa advertência para viver com o pensamento voltado para morte não é um convite para a tristeza ou para o pessimismo, mas de esperança no encontro definitivo com o Senhor e de justa valorização a nossa vida presente.

O mistério da morte

Em face da morte, o enigma da condição humana atinge o seu ponto máximo. O homem não apenas é atormentado com a dor e o progressivo declínio do corpo, mas com muito maior força pelo temor da destruição perpétua. Pelo acertado instinto de seu coração, afasta com horror e rejeita a ideia da total ruína e da morte definitiva de sua pessoa. A semente de eternidade que traz em si, irredutível à pura matéria, insurge-se contra a morte. Todas as conquistas da técnica, por mais úteis que sejam, não conseguem acalmar a angústia humana, pois o prolongamento biológico da vida não pode satisfazer o desejo inelutavelmente presente em seu coração de viver sempre.

Já que diante da morte toda imaginação fracassa, a Igreja, instruída pela Revelação, afirma ter sido o homem criado por Deus para uma finalidade feliz, para além dos limites da miséria terena. E não só, mas a fé cristã ensina que a morte corporal, que lhe seria poupada se não houvesse pecado, será vencida quando o homem recuperar a salvação, perdida por culpa sua, pelo onipotente e compadecido Salvador. Com efeito, Deus chamou e continua a chamar o homem a aderir com sua natureza integral à perpétua comunhão na incorruptível vida divina. Cristo conseguiu esta vitória, libertando o homem da morte por meio de sua morte e ressurgindo para a vida. Para quem reflete, a fé baseada em sólidos argumentos oferece uma resposta a sua ansiedade sobre a sorte futura. Ao mesmo tempo dá a possibilidade de comunicar-se com os caros irmãos já arrebatados pela morte em Cristo, despertando a esperança de possuí-los, desde agora, a verdadeira vida junto de Deus.

Certamente incumbe ao cristão o dever urgente de lutar contra o mal através de muitas tribulações e de aceitar a morte; mas unido ao mistério pascal, configurado à morte de Cristo, firme na esperança, chegará à ressurreição.

Tudo isto vale para os cristãos e também para todos os homens de boa vontade em cujos corações a graça age invisivelmente. Tendo, pois, Cristo morrido por todos, e sendo uma só a vocação última do homem, isto é, a divina, devemos afirmar que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade, de modo só conhecido por Deus, de se associarem ao mistério pascal.

De tal valia e tão grande é o mistério do homem, que se esclarece pela Revelação cristã aos fiéis. Por conseguinte, por Cristo e em Cristo, ilumina-se o enigma da dor e da morte que, fora de seu Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, por sua morte destruiu a morte e deu-nos a vida para que, filhos no Filho, clamemos no Espírito: Abá, Pai!

Constituição Pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo de hoje, do Concílio Vaticano II, n.18,2.

